

O Judaísmo como herança e como código: o Judaísmo de Vilém Flusser

Judaism as Inheritance and Code:
On Vilém Flusser's Jewishness

FLUSSER, Vilém. **Ser Judeu**. Traduzido por Murilo Jardelino, Clélia Barqueta e Marcelo Rouanet
São Paulo: Annablume, 2014.

Nelson Shuchmacher Endebo

Possui dupla formação em Letras pela Portland State University, nos EUA (2013). Pesquisador do DAAD na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg (2012-13). Atualmente é Mestrando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: nendebo@gmail.com

RESENHA

RESUMO

Ser Judeu reúne diversos textos de Vilém Flusser sobre o tema do judaísmo, apresentando, de maneira difusa, sua relação complexa e contraditória com suas raízes judaicas. Essa resenha pretende reconstruir os contornos gerais dessa relação, e sugere alguns nexos produtivos com o pensamento flusseriano acerca da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: judaísmo; diálogo; comunicação; memória; alteridade

ABSTRACT

Ser Judeu gathers various texts by Vilém Flusser on the topic of Judaism, presenting, albeit diffusely, his complex and contradictory relationship with his Jewish roots. This review purports to draw a general outline of this relationship, and suggests a few productive connections with Flusser's thought on communication.

KEYWORDS: Judaism; dialog; communication; memory; otherness

Em *Bodenlos* ["sem chão"], talvez seu livro mais autobiográfico, o pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) escrevia: "devo admitir que a religiosidade judaica me é mais estranha que a macumba" (2007, 229). O livro que ora resenho tem como tema o judaísmo, e foi escrito pelo autor de tal declaração, um judeu. *Ser Judeu*, publicação póstuma que abrange relatos circunstanciais, escritos ocasionais, excertos da correspondência particular e ensaios dispersos de Flusser sobre o tema do judaísmo - vários deles até então inéditos em livro - finalmente recebe versão em português pela editora paulista Annablume. A primeira edição, *Jude Sein*, publicada na Alemanha em 1995 pela Bollmann Verlag, compilava, além de um posfácio de David Flusser, célebre historiador do cristianismo e primo de Vilém, 25 textos, dos quais um fora originalmente escrito em inglês e dez em português, ali vertidos para o alemão pela viúva Edith Flusser. A edição brasileira, infelizmente repleta de erros ortográficos, faz o inverso: apresenta quase todos os originais em português e traduções dos textos germânicos, e incorpora quatro ensaios não utilizados na edição alemã, mantendo o posfácio. Se aqui não temos versões de próprio punho do filósofo, praticante assíduo da auto tradução, a trajetória editorial do livro ainda assim mantém a singularidade(multi)linguística e, por isso mesmo, polivalente, que caracteriza a extensa obra flusseriana.

Os 29 textos que compõem *Ser Judeu*, distribuídos em quatro núcleos temáticos ("Paragens", "Ser Judeu", "Odi et amo" e "Uma literatura judaica?"), visam de maneira heterogênea seu tema, e demonstram, quiçá para a surpresa dos leitores familiarizados apenas com o teórico das imagens técnicas, um investimento intelectual profundamente ambíguo e auto-contraditório em questões caras aos judeus, sobretudo os europeus, do século XX: o antissemitismo, o Holocausto, o exílio, o sionismo. Além disso, o livro inclui dois ensaios penetrantes sobre escritores clássicos como Franz Kafka e S. Y. Agnon, interesses compartilhados com outros pensadores judeus, como Walter Benjamin, Gershom Scholem e Günther Anders. São, sob certos aspectos, alguns dos mais belos textos que Flusser já escreveu.

Valoriza a leitura do volume o trato singular que Flusser, cujo tino teorizante nunca é menos que assomado, dá àquelas questões controvertidas. Por um lado, empenha-se, não sem percalços, em precisar e pesar o componente "propriamente" judaico naquilo que ele chama de Ocidente; seu livro é, portanto, exercício especulativo, quiçá ficcional, em Filosofia da Cultura. Por outro lado, apesar do ímpeto personalista e controverso de suas considerações, raramente entrega-se à polêmica como fim, evitando distrações circunstanciais e esquivando-se das meras platitudes políticas, preferindo antes aproximar-se de seus temas desde uma filosofia dialógica que esboça, mas que não chega a resolver conceitualmente. Seu livro constitui documento indispensável para estudantes do pensamento flusseriano. Não me prestarei a criticar a consistência de suas ideias; contento-me apenas em apresentar aquelas mais prementes para estudantes de Comunicação.

A diversidade do material reunido no livro desafia a tarefa do resenhista, incumbido de retratar a hipotética unidade da relação de Flusser com o judaísmo. Buscarei aqui traçar algumas linhas gerais que nos permitam



vislumbrá-la tal como ela emerge das páginas de *Ser Judeu*.

1. Pilpul¹

No ensaio “Pilpul”, amálgama de ficção e autobiografia, Flusser traça um princípio de consistência, que de certo modo justifica as incongruências e contradições que exporemos a seguir. *Pilpul* (do hebraico לופלפ, lit. “apimentar”, “temperar”) é o nome de um método de hermenêutica talmúdica que busca conciliar – não resolver – dados contraditórios de uma situação ou assunto conflituoso, mediante exaustivo exame das partes constituintes. Tão exaustivo, de fato, que não raro leva seu praticante a enveredar-se por argumentos excessivamente sutis, que habitam os limites do discurso – o que levou muitos rabinos e sábios a questionarem a sanidade do método². Segundo Flusser, a essência do *pilpul* é explicitar “contradições insuperáveis” e, com isso, aceitar os paradoxos constitutivos do real; nisso, diferencia-se da filosofia. Flusser inicia o ensaio admitindo sua suspeita de que a vida humana não passa de uma combinação de virtualidades presentes em um programa; a vida é execução de tais instruções. Há virtualidades que advêm do “programa genético” (são “herdadas”) e outras que advêm do “programa cultural” (são “adquiridas”). Espanta-se ao “descobrir”, apesar disso, que seu pensamento, tangenciando os umbrais do pensável, segue a estrutura do pilpul, que ele jamais estudou. Flusser especula, em outras palavras, que haja certas virtualidades advindas do programa cultural, mas que não são adquiridas, e sim herdadas. “Esta é a tragédia do judeu assimilado, que está programado pela cultura que não adquiriu” (174). Pode-se ser judeu por livre arbítrio, e pode-se escolher ser outra coisa. Quem escolhe não ser judeu, contudo, não deixa de ser judeu. Disso decorre a implicação de que a liberdade deva ser entendida não mais como pura possibilidade desde um universo de identidades unívocas, mas como campo decisório contingente segundo as instruções de um programa. Por extensão, fica implícito que uma cultura deva ser entendida a partir de seus códigos-fonte.

2. Os gregos e os judeus

A palestra “Ser Judeu II (Aspecto Cultural)”, manuscrito sem data, resume alguns pontos que vemos dispersos em outros textos do livro. Nele, Flusser vê como marca distintiva da cultura ocidental o predomínio de dois grandes culturemas, “o grego e o judaico” (83). Heranças que não chegam a uma síntese superior: são “profundamente incompatíveis”. Por exemplo,

a justiça, para os gregos (“diké”) é o equilíbrio entre extremos, e para os judeus a justiça (“tsedaká”) é a vitória do Bem sobre o Mal. [...] A verdade para os gregos (“aletheia”) é o desvendamento objetivo do Ser, e para os judeus a verdade (“emet”) é a revelação in-

1 *Jude Sein* contém dois textos intitulados “Pilpul I” e “II”. Consultando suas notas editoriais, leio que o primeiro jamais fora publicado antes, ao contrário do segundo, e que ambos foram escritos em 1990. Entretanto, *Ser Judeu*, por qualquer razão ignorada nas parcas notas editoriais, não inclui o “II”, um texto importante; nas notas, contudo, consta que a primeira parte foi publicada em português em 1982, na revista *Shalom*. Não é de hoje que a ausência de um aparato crítico dificulta consideravelmente a recepção e apreciação da obra de Flusser.

2 Ver o verbete “Pilpul” no volume 16 da *Encyclopaedia Judaica*. Para o pilpul como figura de pensamento, ver o divertido artigo de Gerhard Neumann em HORN et al. (201r, 137-140)

tersubjetiva do Eterno. [...] A imortalidade, para os gregos, está na imutabilidade eterna das ideias, e o método para alcançá-la é a filosofia. Para os judeus, a imortalidade está na memória dos outros, e o método para alcançá-la é o amor aos outros. Na antropologia grega, a pátria dos homens são as ideias, e o homem é essencialmente não-histórico. Na antropologia judaica, o homem é criado segundo a imagem Divina para governar o mundo, e é portanto essencialmente ente histórico. Não há compatibilidade entre essas duas antropologias³. (84, grifos meus)

Desse essencialismo - confortável demais para ser verdade - procede que a história do Ocidente, compreendendo-se aí também sua história intelectual, marcar-se-ia por um conflito dialético entre os dois culturemas, pólos de orientação em constante alienação e reocupação recíprocas; quando um culturema dá sinais de que triunfará sobre o outro, prorrompe do outro lado uma resposta, “infalivelmente” (85). Assim, poder-se-ia interpretar a Reforma como “irrupção do judaísmo contra a helenização aristotélica da Igreja, e o formalismo estruturalista como irrupção do helenismo contra a judeização do pensamento pelo historicismo” (idem). Esse movimento de ruptura e de reurdadura confere ao Ocidente o dinamismo vital que lhe permitiu “dominar e violentar as demais culturas” (86). Flusser prossegue afirmando ser esse vigor imperioso responsável por expor a vulnerabilidade do Ocidente e assim, colocá-lo em risco; e pergunta-se, circunspecto, se a cultura ocidental merece salvação. Ora, sendo o judaísmo culturema constitutivo do Ocidente, interessa-lhe sua preservação. Flusser, todavia, não o afirma cinicamente. O argumento é controverso pelo exclusivismo: dentro do panorama tecido, os judeus teriam a função do zelo, uma vez que eles, ao contrário dos gregos, não desapareceram. “Os portadores originais do judaísmo continuam vivos: somos nós” (87). Com isso, entretanto, não deseja Flusser sugerir que os judeus façam parte de uma linhagem que permaneceu “pura” e intocada ao longo dos séculos, tampouco que eles tenham passado incólumes à história⁴. Afirma, ainda que de maneira vaga, que, de um modo ou de outro, os judeus mantiveram seu vínculo com “a origem do Ocidente” (idem).

3. Modelos diante do absurdo

Esse elo com sua própria origem confere aos judeus um status peculiar: “enquanto gente nascida no Ocidente [no séc. XX] somos, nós os judeus, vítimas das mesmas contradições internas das quais sofrem os demais participantes do Ocidente. Somos assolados pelas mesmas dúvidas epistemológicas e morais, sofremos a mesma crise de fé, e estamos ameaçados pelos mesmos perigos” (86) mas “podemos vivenciar, no nosso íntimo, o clima existencial do judaísmo original, coisa que não podemos fazer quanto ao helenismo, e que os outros ocidentais não podem fazer nem quanto ao judaísmo nem quanto ao helenismo” (87). Resulta daí a *existência escandalosa* dos judeus, e uma das possíveis raízes, segundo Flusser, do antissemitismo: “com que direito os

3 Essa visão não é de modo algum exclusiva de Flusser. Compare, por exemplo, o conhecido Yosef Hayim Yerushalmi: “Se Heródoto foi o pai da História, os pais do sentido da história foram os judeus” (1982,8); “subitamente, por assim dizer, o encontro crucial entre o homem e o divino desloca-se para o domínio da natureza e do cosmos, para o plano da História, aqui concebido em termos de desafio divino e resposta humana” (idem). Todas as traduções aqui são de minha autoria.

4 Em outro texto, Flusser afirma que “o judaísmo não é estático, mas altamente maleável” (104).

judeus conservaram as suas raízes, quando os demais as perderam e devem fazer ginásticas complicadíssimas do tipo ‘Heidegger’, ‘Jung’ ou dos protestantes fundamentalistas para lembrá-las?’ (idem).

Nesse ponto da discussão figuram alguns conceitos basilares que guardam relação com a comunicologia, como o armazenamento de informação transpessoal e a transmissão intersubjetiva de dados, que Flusser considera em termos de operadores antropológicos do judaísmo: “a imortalidade está na memória dos outros”. A imortalidade não é da alma individual: é da memória transindividual. Se os judeus, conforme seu status entre os ocidentais, possuem tal memória, é porque agem segundo o imperativo da rememoração (do hebraico זָכַר, *zakhar*), um operador do programa cultural que é o judaísmo. Yosef Hayim Yerushalmi, em seu *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*, conta que o verbo *zakhar* aparece no Velho Testamento nada menos que 169 vezes, em sua maioria tendo Deus ou Israel como sujeito (1982, 5). Uma das contribuições do erudito Yerushalmi, historiador rigoroso, e, nesse sentido, antípoda de Flusser, este mais afeito a enunciados incomuns e ao empenho especulativo, foi salientar, como programática acadêmica, a preeminência da história da memória na história dos judeus. Se o trabalho de Flusser não visa escrever um capítulo dessa história, nem por isso deixa de contribuir uma formulação extravagante, certamente polêmica. Diz Flusser que o papel do judeu no quadro maior do ocidente é o de “testemunhar pelos culturemas judaicos” (87); estes são, em sua grande maioria, modelos de comportamento concreto que visam dar significado à existência absurda humana. Tomados em si mesmos, carecem de propósito e são, eles mesmos, absurdos; tomados em conjunto, “santificam” a vida. Ora, “nós os vivenciamos”, mas justamente por conta desse investimento existencial, não sabemos articulá-los concretamente e devemos, portanto, *estudá-los*. Flusser então formula outro paradoxo:

“os judeus que ‘estudam’, que levam a vida judaica senso stricto, são precisamente aqueles que não estão interessados em testemunhar por eles para os não-judeus. [...] E os que estão abertos para o mundo, os que se engajam no Ocidente, não ‘estudaram’ em sua enorme maioria, tais ditos ‘valores’ [os culturemas] [...] Os que ‘estudam’ perdem a visão da floresta por conhecerem bem demais as árvores. E são precisamente os judeus ignorantes, os que têm a visão do conjunto sem conhecerem os detalhes, que melhor podem servir de testemunhas do judaísmo”. (88)

Essa passagem, que causará deleite e desconfiança em igual medida, desloca o foco da transmissão intracultural da memória “propriamente judaica”, baseada em tradição de conteúdo “especificamente judaico”, para reconceber o papel dos judeus na transmissão intercultural maior: já não se trata de ritos que reencenam o tempo mítico na imanência histórica, mas *deformas de relação* historicamente incidentes que não têm, por isso, conteúdo específico, e que visam suportar o absurdo, o Nada. É isso que permite a Flusser comparar “a estrutura do movimento de pensamento” [Gedankenbewegung] de Edmund Husserl à hermenêutica rabínica (1995, 152). Para o jocoso Flusser, pois, o judaísmo é, tão logo assim o entendamos, proposição de modelos de comportamento concreto que não podem ser reduzidos a uma questão religiosa. Ao invés de citar rabinos

e *tzadikim*, homens justos, Flusser arrola Spinoza, Marx, Freud, Husserl, Schoenberg, Wiener, Lévi-Strauss e Popper como judeus exemplares nesse sentido: todos propuseram modelos. Uma vez que “judeus propõem modelos”, e uma vez que estes visam uma normatividade e, portanto, uma universalidade, “provocam anti-semitismo” (89). Evidentemente, deveríamos incluir o próprio Flusser na lista de judeus exemplares (lembramos, por exemplo, das divisões epocais nas lições de Comunicologia em Bochum).

Contudo, no belo ensaio sobre S.Y. Agnon, autor que *escolheu ser judeu*, Flusser identifica-se primeiramente como não-judeu, e pondera que o universalismo do judaísmo é um *universalismo fechado*: nem todos podem ser judeus, ao contrário de outros modelos abertos como o “freudismo e o marxismo” (183). O engajamento *deliberado* de Agnon com o judaísmo, esse modelo exclusivista, “separatista”, inacessível para os não-judeus, marca para Flusser um gesto existencial consequente. Diante do absurdo, tal escolha é gratuita, como o é toda escolha. Ensina-nos Agnon o valor da decisão que assumimos como nossa, como afirmativa diante do sem-sentido da vida. Flusser, outrora desgostoso com a descoberta de que o judaísmo ao qual fora destinado desde o berço era um modelo, pôde assim retomá-lo como *gesto deliberado de identificação* (185).

4. A essência do judaísmo

Flusser afirma que o judaísmo deve ser compreendido em tensão com sua história posterior, isto é, com suas descendências monoteístas, o cristianismo e o islamismo. O argumento, creio, funciona melhor no caso do primeiro. A tensão resultaria do fato histórico, incompreensível para os cristãos, da não-conversão dos judeus. Se, para Flusser, o cristianismo por um lado é “superação efetiva do judaísmo”, dado que, mediante o sacrifício do Cristo, “judeu efetivamente perfeito”, “torna efetiva a universalidade do judaísmo” (103), por outro ele falha pois não capta “a essência do judaísmo”, que não é *teológica*, mas “confronto com o Outro”⁵. Nisso consiste sua “vivência muito específica do sacro”. Os argumentos cristãos perderiam de vista o essencial: “como viver na presença do Outro na vida cotidiana?” (idem). Ao invés de visar à ortodoxia, o judaísmo seria uma busca pela *ortopraxia* diante da alteridade.

Segundo o “*pilpul*” de Flusser, o judeu não se converte ao cristianismo justamente porque este positiva o sacro, a “onipresença intangível, não logicizável, não imaginável, não especulável do Outro” (104). Ao explicitar essa dimensão não-totalizável, não-racional, inexprimível, o judaísmo confirma sua vocação anti-teológica (174), se entendermos teologia por discurso racional sobre Deus. Nesse aspecto crucial, o cristianismo parece-lhe, pois, excessivamente pagão. No judaísmo, o problema ético – “devo seguir-Lhe os passos?” – precede o ontológico – “o que é Deus?”, donde que as tentativas do cristianismo de responder à pergunta, pelo dogma, constituem “idolatria”, “dessacralizam o sacro”. Para Flusser, o “problema de Deus” é, à maneira de Wittgenstein, um falso problema. A realidade de Deus está na realidade inapelável do Outro:

“creio que o que caracteriza a nossa cultura e a distingue das demais é precisamente

5 Essa visão dialógica guarda relações claras com a filosofia de Martin Buber de *Ich und Du*. A esse respeito, ver o artigo de Andreas Ströhl (2005).

essa vivência do sacro na pessoa humana. Isto pode ser articulado de pelo menos duas maneiras. Uma é dizendo que Deus é vivenciado enquanto pessoa, enquanto um Outro que nos chama por “tu” e é por nós assim chamado. Outra articulação é dizendo que o rosto humano é a única imagem de Deus que possuímos. Isto não é ‘humanismo’ nem ‘filantropia’: é toda uma antropologia fundada sobre vivência específica do sacro. E é ela a herança judaica mais fundamental do Ocidente”. (107)

5. Comunicologia: uma filosofia judaica?

A descoberta de Deus no semblante humano tem suas consequências práticas. O problema da liberdade, esboçado no início da resenha, aparece, senão resolvido, transfigurado em um texto de 1986, “Disparador Automático”, reflexão sobre *Jews & Germans: Aspects of the True Self*, do fotógrafo Mark Berghash, em que o autor “procura nos mostrar por meio de fotografias como judeus e alemães, décadas depois [da Solução Final], ressuscitam vivências fundamentais sem procurar mascará-las” (144). Para isso, ele “parte do pressuposto que os judeus e os alemães possuem algo em comum que os diferencia de outros grupos: para ambos, a ‘solução final’ seria uma vivência basilar” (idem). Flusser desdiz tal pressuposto, argumentando que, para os judeus, o holocausto é vivência central que distancia, portanto, os judeus de todas as suas demais experiências: a vida orbita aquela vivência traumática. Para os alemães ele é vivência periférica e, por isso, recalçável: podem dele tomar distância e até mesmo negá-lo. Para realizar-se, o diálogo entre judeus e alemães haveria de envolver a autossuperação de ambas as posições. Empreender-na-ia como experiência possibilitada pelo Indizível dos acontecimentos históricos. Isso porque o Indizível não pode ser teorizado: a teoria, como a forma quintessencial do distanciamento, distorce a singularidade daquilo que não é captável pelo universal, ou seja, pelo conceito. Para judeus e alemães, não se trata de negar sua história e o lugar de onde vieram, mas de alcançar um ponto em que suas identidades deixam de ser condicionantes, para assim encontrarem a liberdade. Esse insight, talvez utópico, transcende seu âmbito de discussão e é alçado à condição de princípio geral da comunicação humana. A liberdade não está apenas em ultrapassar o ser-judeu ou ser-alemão, mas “até mesmo o meu eu, até tornar-me o outro do outro” (147). Ser livre, para Flusser, é superar o programa, aquilo que condiciona o Eu pelo engajamento com o Outro não-teorizável. Esse é um dos princípios operacionais da Comunicologia, que Flusser idealizara como metacampo das ciências humanas.

Ao longo de *Ser Judeu*, acompanhamos os vaivéns de Flusser na formulação de seu princípio dialógico fundamental. Descobriu-o ao longo de décadas meditando sobre o significado de ser judeu? Ou seria o judaísmo de Flusser, ele mesmo, selvagem invenção teórica? Os rumos atuais, bem como os virtuais, desse engajamento dialógico deverão interessar pesquisadores na área de Comunicação, uma vez que estabelecem ou prometem nexos produtivos com o grande projeto do pensamento tardio de Flusser, a comunicologia. Creio que nessa incipiente articulação entre religião e teoria da comunicação reside o valor maior de *Ser Judeu*.

Referências Bibliográficas

Encyclopaedia Judaica, 2a edição. Volume 16. Detroit: Thomson Gale.

FLUSSER, Vilém (1995) *Jude Sein*. Mannheim: Bollman Verlag.

----- (2007) *Bodenlos*. São Paulo, Annablume.

----- (2014). *Ser Judeu*. São Paulo, Annablume.

HORN, Eva, et al. (2013). *Denkfiguren: für Anselm Haverkamp*. Berlin: August Verlag.

STRÖHL, Andreas (2005). Flusser und der Dialog. Negentropische Klimmzüge über der Bodenlosigkeit. In.: *Flusser Studies*, 1. Disponível em <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/strohl-flusser-dialog01.pdf> (acessado em 28 de abril de 2016)

YERUSHALMI, Yosef Hayim (1982). *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*. Seattle: University of Washington Press.

